

HÁ PRESSA NO AR! NÃO HAJA PRESSA EM TERRA!

XVI DOMINGO COMUM A



Abraça o presente
PARÓQUIA DE NOSSA
SENHORA DA HORA
Juntos por um caminho novo (2002-2023)

RITOS INICIAIS

Procissão de Entrada | Saudação inicial | Monição Inicial

P. Continuamos com Jesus, à beira-mar, a desfiar parábolas, que nos adentram nos mistérios do Reino de Deus. São mais três parábolas: a do trigo e do joio, que realça a paciência do Semeador e a concorrência do Maligno; a do grão de mostarda, que manifesta a grandeza escondida no que há de mais pequenino e humilde; e a do fermento na massa, que nos exorta a levedar o mundo com a força inerme do Evangelho. Hoje ficaremos apenas pela primeira parábola. Não tenhamos pressa em colher, mas paciência no semear! Há pressa no ar, mas não haja pressa em terra. Esta parece ser a mensagem da Palavra, que hoje vamos escutar. Confiemo-nos, desde já, à paciência indulgente de Deus, que nos julga com mansidão e bondade.

Ato Penitencial

P. Senhor, pelas vezes em que nos julgamos trigo sem joio, Senhor, tende piedade de nós! **R.** Senhor, tende piedade de nós!

P. Cristo, pelas vezes em que julgamos os outros como joio sem trigo, Cristo, tende piedade de nós! **R.** Cristo, tende piedade de nós!

P. Senhor, pelas vezes em que perdemos a paciência connosco e com os outros, Senhor, tende piedade de nós! **R.** Senhor, tende piedade de nós!

Hino do Glória | Oração Coleta

LITURGIA DA PALAVRA

Nota: Evangelho na forma breve

HOMILIA NO XVI DOMINGO COMUM A 2023

1. Há *pressa no ar*. Ouvimo-lo cantar, ao longo deste último ano, no Hino da Jornada Mundial da Juventude. Há a boa *pressa no ar*, a pressa de Maria, que sai de si mesma, impelida pelo Espírito Santo, para ir ao encontro da prima. Mas há a *má pressa em terra*, que querendo a perfeição, se torna impaciência. É a *má pressa dos servos do dono da casa*, que querem fazer uma monda rápida e perfeita, arrancando o joio e deixando o trigo. O problema desta *má pressa em terra* é não ter em conta que trigo e joio são plantas parecidas e quase se confundem, correndo-se o risco, numa monda rápida, de arrancar com o joio também o trigo. Trigo e joio são plantas que crescem juntas, no mesmo campo e em diferentes velocidades; não crescem em lados opostos e demarcados.

2. Se aplicarmos isto à nossa vida, percebemo-lo claramente: nós próprios somos um mistério de *grandeza e de miséria* (B. Pascal), de atração para o alto e de sedução para o abismo. Por isso, na mesma pessoa, no mesmo grupo, na mesma família, na mesma comunidade, no mesmo partido, convivem, lado a lado, e ao mesmo tempo, o belo e o horrível, sementes de bondade e de maldade, forças construtivas e forças destrutivas. Pelo que manda a prudência que aguardemos, com paciência, os tempos da ceifa, sem antecipar na terra, um julgamento definitivo reservado para o céu. Qualquer *pressa em terra* para julgar a realidade, como se ela fosse toda a preto e branco, é contrário à paciência de Deus.

3. Evitemos, pois, catalogar, extirpar, excluir, cortar o joio, porque isso comporta o sério risco de levar tudo a eito. Em tudo, imitemos a paciência do bom Deus, de que nós próprios tanto precisamos, aprendendo a conviver com o negativo, sem ficarmos indiferentes ao mal, antes restando os nossos ímpetos de intolerância, domando e dominando os nossos instintos de

violência, pondo limite às nossas próprias forças destrutivas, esperando com a confiança da fé que o mal não terá a última palavra! O mal tem em si mesmo a semente da sua destruição.

4. Eu creio – irmãos e irmãs – que esta parábola do *trigo e do joio* se destina precisamente a situarmo-nos, com sabedoria, perante este duplo escândalo:

4.1. *por um lado, o escândalo causado pelo mal.* Nos últimos tempos sofremos muito com a revelação do ocultamento escandaloso do abuso de menores na Igreja. Face a este escândalo – que às vezes temos a ingénua ilusão de erradicar total e definitivamente – impõe-se-nos a humildade da nossa imperfeição, a consciência da ação do Maligno, no Corpo da Igreja, desde a própria Cabeça! Ora, a Igreja é uma casta meretriz! E o mundo é um lugar imperfeito! E tu... se te julgas um anjo, depressa te tornarás uma besta (B. Pascal). Não te escandalizes, pois, com os pecados alheios. Luta contra os teus. Se não podes ser perfeito, sê inteiro, abraçando toda a realidade da tua vida e não uma parte!

4.2. *Por outro lado, esta parábola ajuda-nos a suportar o escândalo da paciência de Deus,* que não reage com violência instintiva, que aguarda os tempos de cada pessoa, que espera com mansidão e paciência a conversão do joio que há em ti, em trigo bom. Deus entra no teu mal, para destruir o mal e não para te destruir a ti. A paciência de Deus ensina-te, por isso, a dares a ti mesmo e aos outros mais tempo e sempre novas oportunidades de conversão, de transformação! Olha que a pressa em terra é inimiga da perfeição!

5. Irmãos e irmãs: *Há pressa no ar.* Sim. Que bom. A JMJ está aí à porta! Mas, se queremos alcançar a perfeição no céu, não haja *pressa em terra!* Para o céu, iremos devagarinho e às cambalhotas. Depressa e bem, não há ninguém!

ORAÇÃO DOS FIÉIS

P. Ao nosso Deus, que cuida de todas as coisas e é indulgente para com todos, confiamos as preces do seu Povo.

- 1.** Pela Igreja, em processo sinodal: para que seja uma escola de paciência, lugar de esperança e de misericórdia para com todos. Oremos, irmãos.
- 2.** Pelos que trabalham por um mundo melhor: para que acreditem sempre que o mal do joio pode ser transformado pela bondade do trigo. Oremos, irmãos.
- 3.** Pelos que se sentem escandalizados pelo mal no mundo ou pelos pecados da Igreja: para que imitem a paciência de Deus e se decidam a ser trigo bom. Oremos, irmãos.
- 4.** Pelo bom êxito da Jornada Mundial da Juventude: para que ofereça e facilite a todos os participantes a experiência da beleza e da alegria da fé, vividas na comunhão com Cristo e com a Sua Igreja, para a transformação deste mundo. Oremos, irmãos.
- 5.** Por todos nós aqui reunidos: para que não nos tornemos uma Igreja de puros, mas cristãos capazes de sujar as mãos na transformação da Igreja e do mundo. Oremos, irmãos.

P. Voltai para nós os vossos olhos, ó Deus clemente e compassivo, e atendei a voz da nossa súplica. Por Cristo, nosso Senhor.

R. Ámen.

LITURGIA EUCARÍSTICA

Apresentação dos dons | Cântico do Ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio Dominical IX | Oração Eucarística II | Ritos da Comunhão | Cântico de Comunhão | Oração pós-comunhão

RITOS FINAIS

Agenda Pastoral

1. Nomeação de pároco de Guifões. Novo contexto pastoral.
2. Inscrições no 1.º ano da Catequese, ou pela primeira vez, até 31 de julho, presencialmente na Secretaria Paroquial:
Senhora da Hora: de segunda a sábado, das 15h00 às 19h00;
Guifões: terças, quartas e quintas, das 17h00 às 19h00.
3. Consultar folheto sobre os “*Dias na Diocese*”.
4. Convocar sobretudo para o Bailarico de Verão (quinta-feira, 19h00, Parque das Sete Bicas), Sarau cultural (6.ª feira, na Cripta); missa, no sábado, às 11h00, no Parque da Cidade: somos convidados a levar farnel, para passar lá toda a tarde, em convívio paroquial e diocesano.
5. Não há missas vespertinas no sábado.
6. No Domingo, Missas às horas normais: 09h00 (Sagrada Família), 11h00 e 19h00 (Senhora da Hora).
7. Durante o mês de agosto, não há Missa aos domingos, às 19h00, na Senhora da Hora.
8. Na folhinha de Guifões vêm já os horários das Missas em Agosto. No próximo fim de semana será distribuído uma folhinha mais elaborada com horários das Missas e da Secretaria Paroquial no mês de agosto.
9. Apoio aos pioneiros do Agrupamento 521. *The voice Gerações*. Final.

Bênção

Despedida

P. Felizes “*Dias na Diocese*”. Há pressa no ar. Não haja pressa em terra.

Diácono: Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

R. Graças a Deus.

Cântico Final

.....

Oração para a Bênção da mesa | XVI Domingo Comum A | 23.7.2023

Senhor, nosso Deus:

Há pressa no ar.

De todo o mundo,

para este lugar,

chegam milhares de jovens.

Eles são o presente

que nos chamas a abraçar.

Livra-nos da pressa

em converter, em julgar,

em escolher, em catalogar.

Que a nossa Casa seja abrigo

e esta mesa seja o altar

onde se converte o joio

em Pão de trigo.

Ámen.

Missas no mês de agosto 2023

	Igreja Paroquial Senhora da Hora	Igreja Matriz de Guifões	Sagrada Família Paus – Guifões
Sábado, 5	Não há	17h30	
Domingo, 6	11h00		Não há
Sábado, 12	19h00	17h30	
Domingo, 13	11h00		09h00
Segunda, 14	Não há	19h00	
Terça, 15	11h00		09h00
Sábado, 19	19h00	17h30	
Domingo, 20	11h00		09h00
Sábado, 26	19h00	17h30	
Domingo, 27	11h00		09h00

Secretaria Paroquial de São Martinho de Guifões

Aos sábados, das 15h00 às 17h30

Em caso de urgência contactar 932276732

ou paroquiadeguifoes@gmail.com

Secretaria Paroquial de Nossa Senhora da Hora

De segunda a sábado, de 1 a 22 de agosto, das 18h00 às 19h00.

Encerrado de 23 a 31 de agosto.

Pedidos de intenções de missa, 15 minutos antes da celebração

Em caso de urgência, contactar 934902850

ou paroquianossasenhoradahora@gmail.com

HOMILIAS
E COMENTÁRIOS DO PAPA
AOS TEXTOS DO XVI DOMINGO COMUM A

Homilia sobre a mansidão do Pastor

Sexta-feira da XIV Semana do Tempo Comum - 14 julho 2017

Neste dia de aniversário sacerdotal (26.º), realço duas palavras, que a Liturgia de hoje nos propõe para meditação: o desafio de partir e a simplicidade de coração.

1. A primeira é a Palavra de Deus a Jacob. O Senhor desafia-o, já no final dos seus dias, a deixar a sua terra, a terra da promessa, e a descer ao Egito (cf. Gn 46, 1-7.28-30). É uma saída, sem retorno, pois o próprio Senhor garante a Jacob que será José, o filho rejeitado, que lhe virá a fechar os olhos! E Jacob obedece. Deixa para trás a terra da promessa, porque sabe que a “promessa desta terra” é o próprio Deus: este Deus, que caminha com Ele, caminha conosco, caminha com o Seu Povo. É bonita esta disponibilidade de José para escutar a Palavra que Deus lhe dirige e para se deixar conduzir por Ela. Ele vai, para onde Deus o leva. Sabe que onde estiver, Deus estará com ele. Como é importante pensarmos assim: estar onde Deus nos quer, ir para onde Deus nos levar, na certeza de que a nossa terra não é um lugar, mas é o próprio Deus: é Ele a nossa origem, a nossa companhia e a nossa meta. Quem quer o que Deus quer, tem tudo o que quer!

2. A segunda palavra aparece nesta instrução de Jesus aos discípulos missionários. Na prática, trata-se de uma exortação a viver, no exercício da missão, o espírito das bem-aventuranças, da pobreza, da humildade, da mansidão, da pacificação e da perseverança no meio da perseguição... (cf. Mt 5, 1-12). No passado domingo destaquei, na homilia, como me era tão cara, isto é, tão querida quanto exigente, a terceira bem-aventurança, a da *mansidão do coração* (cf. Mt 5,4). Julgo que ela aparece aqui traduzida de algum modo nesta

expressão: “Envio-vos como ovelhas para o meio de lobos. Portanto, sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas” (Mt 10,16).

3. Todos se recordam que esta foi a divisa dada pelo treinador da seleção nacional aos nossos jogadores, na disputa do campeonato europeu de 2016, de que saíramos vencedores. Ele disse aos jogadores, no jogo decisivo: “sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas” (Mt 10,16). “A prudência é a virtude que dispõe a razão prática para discernir, em qualquer circunstância, o nosso verdadeiro bem e para escolher os justos meios de o atingir. «O homem prudente vigia os seus passos» (Pr 14, 15). Não se confunde, nem com a timidez ou o medo, nem com a duplicidade ou dissimulação. A prudência guia as outras virtudes, indicando-lhes a regra e a medida” (CIC 1806). E a simplicidade é aquela humildade e mansidão do coração, que distinguem “o cordeiro” e desarmam “os lobos ferozes”.

4. Hoje permito-me recordar e recomendar a mim mesmo esta prudência e simplicidade, na humildade e na mansidão do coração! Esta mansidão ajuda-me, por exemplo, a vencer a tentação de "aproveitar" a vinda ou o regresso a casa dos filhos da Igreja, para acertar contas. Em vez de um ralhete, de um rosto de melancolia e severidade, é sempre mais eficaz um ramalhete de boas-vindas, um rosto de ternura, um coração cheio de misericórdia, de disponibilidade para conversar e caminhar juntos. No Cartório Paroquial, à entrada ou à saída da Igreja, no curso da celebração, num debate ou numa conversa de café, numa reunião ou numa formação, num jantar de família ou numa inauguração, só o coração manso e humilde do pastor pode desarmar as variadas resistências, por parte dos que nos olham e nos abordam e, quantas vezes, se aproximam de nós "com duas pedras na mão". E dar a outra face, é vencer o mal com o bem, a amargura com a docilidade, a arrogância com a

humildade. Não é nada fácil conter-se, dominar-se, não responder à letra, não entrar no mesmo registo, perante alguma ignorância atrevida ou frente às reclamações dos que urgem direitos sem os correlativos deveres. É mais fácil então demonstrar autoridade. É mais difícil aceitar, com humor, a má vontade e as exigências "de quem não vai à nossa missa" e quer tudo um pouco à sua maneira.

5. Precisamos todos, eu e vós, e eu em primeiro lugar, de haurir continuamente, do Coração manso e humilde do Senhor, esta mansidão, que nos faz não exasperar nem desesperar com nada, porque em tudo, temos a vida ancorada no Seu amor. A mansidão torna-nos realmente pessoas de vida simples, misericordiosas e pacificadoras, ministros de Deus, capazes de descalçar os pés diante da terra sagrada do outro (Ex 3, 5; EG 169), para ouvir atentamente a história de cada um e propor algum caminho, sem nunca exhibir o argumento da autoridade, para firmar posições ou tomar decisões. Esta mansidão pode não nos fazer ganhar terreno, mas vai alargar o espaço da terra prometida. “Felizes os mansos, porque possuirão a terra” (Mt 5,4).

Pedi hoje ao Senhor, por mim. Pedi ao Senhor que faça de mim, onde quer que for, um verdadeiro pastor, segundo o seu coração, prudente e simples, manso e humilde, de modo que os outros possam encontrar sempre em mim um tempo, um modo e sobretudo um lugar, onde Se possam encontrar e caminhar com o Senhor!

HOMILIA NO XVI DOMINGO COMUM A 2017

1. E lá se foi uma semana de “tolerância zero”, no discurso dos que *toleram tudo*, exceto os que se atrevem a pensar *fora da caixa* e do *politicamente correto*. Os *novos inquisidores* do regime colocam, quase sempre, de um lado, todos os virtuosos e bem-pensantes, e do outro lado, a praga dos retrógrados e malfeitores, como se toda a verdade se acantonasse a um só dos lados... e para o outro se devessem então atirar todas as pedras. A parábola do trigo e do joio não nos deixa acender a fogueira da intolerância, da divisão artificial dos espaços, das separações rígidas, das catalogações à medida, porque *um só* é o campo do mundo e por isso, na mesma pessoa, no mesmo partido, no mesmo grupo, na mesma comunidade, na mesma família, crescem inseparáveis, e quase se confundem, o trigo e o joio, a bondade e a maldade. Não é possível isolar os justos de um lado e os pecadores do outro, para exterminar os últimos: «*Ao arrancardes o joio, correis o risco de arrancar também o trigo*» (Mt 13,29).

2. Às vezes, temos um olhar muito seletivo para o *mal que vai no mundo* e uma grande pressa de julgar, de classificar, de pôr de um lado os bons, e do lado oposto os maus! Ao contrário, Deus sabe olhar para a melhor parte de nós e espera que a outra parte se venha a converter, antes ainda da *ceifa*, do juízo final. Ele olha para o *campo do mundo* e para a vida de cada pessoa, com paciência e misericórdia! Ele vê muito melhor do que nós a sujidade e o mal, mas vê, em primeiro lugar, todos os gérmenes de bondade e de retidão, e espera com confiança, que eles amadureçam em nós. Deus é paciente e sabe esperar! Perante o *joio*, semeado *de noite*, pelo Maligno, somos chamados a imitar esta paciência de Deus, a alimentar a esperança, com o alento de uma confiança inabalável na vitória final do bem, na vitória de Deus.

3. Por isso, deixo uma recomendação prática, para as conversas destas férias. Façam como o Papa Francisco: ele colocou na porta do seu gabinete uma espécie de sinal de trânsito, uma placa, onde se diz: *“É proibido lamentar-se”*. O sinal informa que esta proibição *“é a regra número 1, para a saúde e o bem-estar”* e avisa que *“os transgressores sujeitam-se a síndrome de vitimização, com conseqüente diminuição do humor e capacidade para resolver problemas”*. As visitas ao Papa são ainda avisadas, logo à entrada do apartamento, que *“a medida da sanção duplica quando o desrespeito por esta regra é cometido na presença de crianças”*. E seguem-se outros conselhos sábios: *“Para se tornar no melhor de si deve concentrar-se nas suas potencialidades e não nos seus limites”*. Em seguida, indica o caminho concreto: *“Pare de se lamentar e comece a agir, faça alguma coisinha para mudar e tornar melhor a sua vida”*.

Talvez devamos todos colocar este *“sinal”* à porta da Igreja ou do cartório, à porta de casa ou da empresa, e, se for preciso, à porta do próprio quarto! Para não ficarmos paralisados, junto ao muro das lamentações! E ides ver que uma atitude positiva na vida fará o trigo crescer *a olhos vistos* no campo do mundo!

PAPA FRANCISCO - ANGELUS - DOMINGO, 23 DE JULHO 2017

A página evangélica de hoje propõe três parábolas com as quais Jesus fala às multidões sobre o Reino de Deus. Analiso a primeira: a do grão bom e da erva daninha, que ilustra o problema do mal no mundo e ressalta a paciência de Deus (cf. Mt 13, 24-30.36-43). Quanta paciência tem Deus! Também cada um de nós pode dizer isto: «Quanta paciência tem Deus comigo!». A narração situa-se num campo com dois protagonistas opostos. Por um lado, o dono do campo que representa Deus e espalha a semente boa; por outro, o inimigo que representa Satanás e espalha a erva daninha.

Com o passar do tempo, no meio do trigo cresce também o joio, e face a esta realidade o dono e os seus servos têm atitudes diferentes. Os servos queriam intervir arrancando o joio; mas o dono, que se preocupa sobretudo com a salvação do trigo, opõe-se dizendo: «Não; para que, ao colher o joio, não arranqueis também o trigo com ele» (v. 29). Com esta imagem, **Jesus diz-nos que neste mundo o bem e o mal estão tão interligados, que é impossível separá-los e arrancar todo o mal.** Só Deus pode fazer isto e fá-lo-á no juízo final. Com as suas ambiguidades e com o seu carácter multifacetado, a **situação presente é o campo da liberdade, o campo da liberdade dos cristãos,** no qual se cumpre o difícil exercício do discernimento entre o bem e o mal.

E, por conseguinte, trata-se de conjugar neste âmbito, com grande confiança em Deus e na sua providência, duas atitudes aparentemente contraditórias: a **decisão e a paciência.** A **decisão** consiste em **querer ser grão bom** — todos o queremos —, com todas as nossas forças, e, portanto, afastarmo-nos do maligno e das suas seduções. A paciência significa **preferir uma Igreja que é fermento na massa,** que não teme sujar as mãos lavando as roupas dos seus

filhos, e não uma Igreja de «puros», que pretende julgar antes do tempo quem está no Reino de Deus e quem não.

O Senhor, que é a Sabedoria encarnada, ajuda-nos hoje a compreender que **o bem e o mal não se podem identificar com territórios definidos ou determinados grupos humanos**: «Estes são os bons, este são os maus». Ele diz-nos que a linha de fronteira entre o bem e o mal passa pelo coração de cada pessoa, passa pelo coração de cada um de nós, ou seja: somos todos pecadores. Sinto vontade de vos perguntar: «Quem não é pecador levante a mão». Ninguém! Porque todos o somos, somos todos pecadores. Jesus Cristo, com a sua morte na cruz e a sua ressurreição, libertou-nos da escravidão do pecado e concedeu-nos a graça de caminhar rumo a uma nova vida; mas com o Batismo concedeu-nos também a Confissão, porque temos sempre necessidade de ser perdoados dos nossos pecados. Olhar sempre e unicamente para o mal que está fora de nós, significa não querer reconhecer o pecado que está também em nós.

E depois Jesus ensina-nos um modo diverso de olhar para o campo do mundo, de observar a realidade. Somos chamados a aprender os tempos de Deus — que não são os nossos tempos — e também o “olhar” de Deus: graças à influência benéfica de uma expectativa trepidante, aquilo que era joio ou parecia joio, pode tornar-se um produto bom. É a realidade da conversão. É a perspectiva da esperança!

Que a Virgem Maria nos ajude a colher na realidade que nos circunda não só a sujidade e o mal, mas também o que é bem e bom; a desmascarar a obra de Satanás, mas sobretudo a confiar na ação de Deus que **fecunda a história**.

HOMILIA NO XVI DOMINGO COMUM A 2014

As nossas mãos estão sempre mais prontas para a ceifa, do que para a sementeira! A impaciência queima etapas e pode arrancar, com o joio, o bom trigo, porque não estão “*um aqui e outro acolá*”, mas ambos têm raiz no mesmo lugar. Que atitudes sugere esta parábola a uma comunidade evangelizadora? Sugiro três:

1. Primeira atitude: **a paciência da longa espera**. Não pode haver pressa, nem precipitação, na sementeira da evangelização. “*A comunidade evangelizadora dispõe-se a «acompanhar», é capaz de sofrer e de esperar, com muita paciência, suportando os limites e a lentidão dos processos, por mais duros e demorados que sejam*” (E.G.24). Depressa e bem, não há ninguém!

2. Segunda atitude: **a humildade da imperfeição**. A comunidade evangelizadora cuida do trigo e não perde a paz, por causa do joio! O semeador, quando vê surgir o joio no meio do trigo, não tem reações lastimosas ou alarmistas. Evita deter-se a considerar as limitações, a queixar-se e a lamuriar-se do que está mal (E.G.24). Eu diria: é preciso alegrar-se mais com o bem que floresce, do que afligir-se com a nossa imperfeição! O mundo é um lugar imperfeito!

3. Por último, **a esperança e a confiança**, pois o joio não resistirá, no tempo da ceifa. Ele é vencido pela bondade do trigo, que se manifestará, com o tempo (E.G.225)! Nós sabemos que Cristo, lançado à terra, como grão de trigo, daí ressuscitou vitorioso! E, por isso, neste mundo, está já oculta a poderosa semente do reino, que despontará, lá, onde e quando menos se contar, em rebentos de um mundo novo! Na verdade, Jesus não ressuscitou em vão. “*Não fiquemos, portanto, à margem deste caminho da esperança viva*” (E.G.278)!

PAPA FRANCISCO - ANGELUS - DOMINGO, 20 DE JULHO DE 2014

Durante estes domingos a liturgia propõe algumas parábolas evangélicas, ou seja, breves narrações que Jesus utilizava para anunciar o Reino dos céus às multidões. Entre aqueles presentes no Evangelho de hoje, há uma bastante complexa, cuja explicação Jesus oferece aos discípulos: é a do trigo e do joio, que enfrenta **o problema do mal no mundo, pondo em evidência a paciência de Deus** (cf. Mt 13, 24-30.36-43). A cena desenrola-se num campo onde o senhor lança a semente; mas certa noite chega o inimigo e semeia o joio, termo que em hebraico deriva da mesma raiz do nome «Satanás», evocando o conceito de divisão. Todos nós sabemos que o diabo é um «semeador de joio», aquele que procura sempre dividir as pessoas, as famílias, as nações e os povos. Os empregados gostariam de arrancar imediatamente a erva daninha, mas o senhor impede-o com a seguinte motivação: «Ao extirpardes o joio, correis o risco de arrancar também o trigo» (Mt 13, 29). Pois todos nós sabemos que o joio, quando cresce, se assemelha muito ao trigo, e existe o perigo de se confundirem.

O ensinamento da parábola é dúplice. Antes de tudo recorda que o mal existente no mundo não deriva de Deus, mas do seu inimigo, o Maligno. É curioso, o Maligno sai à noite para semear o joio, na escuridão, na confusão; sai para semear o joio onde não há luz. Este inimigo é astuto: semeou o mal no meio do bem, de tal forma que para nós, homens, é impossível separá-lo claramente; mas no final Deus conseguirá fazê-lo!

E aqui chegamos ao segundo tema: a oposição entre a impaciência dos empregados e a espera paciente do dono do campo, que representa Deus. Às vezes temos uma grande pressa de julgar, classificar, pôr de um lado os bons e

do outro os maus. Ao contrário, Deus sabe esperar. Ele olha para o «campo» da vida de cada pessoa com paciência e misericórdia: vê muito melhor do que nós a sujeira e o mal, mas vê também os germes do bem e espera com confiança que eles amadureçam. Deus é paciente, sabe esperar. Como isto é bom! O nosso Deus é um Pai paciente que nos espera sempre, que nos aguarda com o coração na mão para nos receber e perdoar. Perdoa-nos sempre se formos ter com Ele.

A atitude do dono do campo é aquela da esperança fundada na certeza de que **o mal não é a primeira nem a última palavra**. E é graças a esta esperança paciente de Deus que o próprio joio, ou seja, o coração maldoso, com muitos pecados, no final pode tornar-se uma boa semente. Mas atenção: **a paciência evangélica não é indiferença diante do mal; não se pode fazer confusão entre o bem e o mal! Perante o joio presente no mundo, o discípulo do Senhor é chamado a imitar a paciência de Deus, a alimentar a esperança com o alento de uma confiança inabalável na vitória final do bem, ou seja, de Deus.**

Com efeito, no final o mal será arrancado e eliminado: no tempo da colheita, isto é, do juízo, os ceifeiros cumprirão a ordem do senhor, separando o joio para o queimar (cf. Mt 13, 30). Naquele dia da ceifa final o Juiz será Jesus, Aquele que lançou a boa semente no mundo e, tornando-se Ele mesmo «grão de trigo», morreu e ressuscitou. No final, todos nós seremos julgados com a mesma medida com a qual tivermos julgado: a misericórdia que tivermos usado em relação aos outros será utilizada também para conosco.

Peçamos a Nossa Senhora, nossa Mãe, que nos ajude a crescer na paciência, na esperança e na misericórdia com todos os irmãos.

Homilia no XVI Domingo Comum A 2011

1. *“Queres que vamos arrancar o joio”* (Mt.13,28)? Uma verdadeira hipérbole, na parábola que ouvimos contar! Um manifesto exagero, numa versão piedosa daquilo a que podíamos chamar «tolerância zero»! Uma tentativa verdadeiramente radical: a de cortar o mal pela raiz. Ora a intolerância peca por se convencer demasiado cedo sobre o autor do crime, ou por se iludir, muito depressa, com a ideia segura de que o mal tem sítio certo! Mas não tem, de facto! Trigo e joio, não estão em campos diferentes. O mal e o bem coexistem no mesmo espaço, convivem na mesma terra, misturam-se na mesma pessoa, disputam o mesmo coração, estão no meio do mundo e estão plantados no próprio campo de Deus, que é a Igreja!

2. *“Deixai um e outro crescer juntos até à ceifa”* (Mt.13,30). É a voz sábia da Palavra de Deus, que conhece os enganos das nossas verdades e os desenganos das nossas certezas! É preciso aceitar o ritmo lento do tempo como um grande «escultor», a formar-nos na tolerância humana e na paciência de Deus e a fazer vir ao de cima toda a verdade. Dizia-nos, com grande sabedoria Bento XVI: *“Quantas vezes desejávamos que Deus Se mostrasse mais forte. Que Ele atingisse duramente, derrotasse o mal e criasse um mundo melhor»*. Mas logo nos advertia o Papa: *«Vede que todas as ideologias do poder (como o nazismo, o comunismo) se justificaram assim; justificavam a destruição daquilo que se oporia ao progresso e à libertação da humanidade. Nós, pelo contrário, sofremos pela paciência de Deus. E, todavia, todos temos necessidade da sua paciência. O Deus, que Se tornou Cordeiro, diz-nos que o mundo se salva pelo Crucificado e não pelos crucificadores. O mundo é redimido pela paciência de Deus; é destruído pela impaciência dos homens»*. O Senhor da força julga com bondade e governa com muita indulgência (cf. Sab.12,18). *«É paciente e cheio de compaixão»* (Sal.85,5)!

3. Sê, por isso, paciente. Não cedas à inquietude. Não te deixes devorar pela ansiedade. Não precipites a vida dos outros, na tua pressa. Não busques a perfeição, a curto prazo. O mundo é um lugar imperfeito. Tu, que sabes como Deus é paciente contigo, usa da mesma paciência para com os outros. Não te apresses a catalogar os maus e os bons. É bom distinguir o bem do mal, mas é útil perceber que eles convivem dentro de ti, lutando no mesmo espaço!

4. Sê tolerante, no campo das relações com os outros, porque a vida não é a preto e branco! E a perfeição não existe! Sê tolerante no campo das convicções, das ideias e das opiniões. Pois aí a tolerância manifesta-se como caridade da inteligência. Dialoga, na certeza, de que as sementes da verdade estão em todo o lado e não apenas do teu lado! E sê tolerante, sobretudo a respeito do campo de Deus, que é a Igreja (cf. Mt 13, 24). E não te escandalizes com as suas fraquezas humanas, fruto do tempo ou fruta da época! Ela é, como tu, santa e frágil, radicada na história e no seu porvir, às vezes obscuro, no qual o trigo e o joio crescem juntos (cf. Mt 13, 30), todavia ela é, e será sempre, sinal e instrumento de salvação! Para contrastar com o joio, procura tu seres bom trigo: ou seja, decide-te a amar Cristo, na Igreja. Por amor de Cristo, trabalha alegremente, a fim de purificar a Igreja, para a tornar mais bela e santa. Qualquer reforma deve ser feita dentro da Igreja e nunca contra ela, deve incidir em primeiro lugar no coração dos crentes e não primeiramente nas estruturas, pois só a santidade forma e reforma a Igreja, pondo-nos em conformidade com Deus!

5. Irmãos e irmãs: “O Espírito Santo vem em auxílio da nossa fraqueza e intercede por nós” (Rom.8,26). Ele nos dê um equilíbrio justo entre a rigidez e a tolerância, entre a severidade e a justiça, entre o desejo de perfeição e a paciência, entre a exigência e a ternura. No Verão, o fogo ateia-se com mais facilidade. Cuidado com ceifeiros apressados. Porque a pressa é inimiga da perfeição!

HOMILIA NO XVI DOMINGO DO TEMPO COMUM A 2008

1. Tão breve a leitura, tão forte a experiência, tão difícil a interpretação! São Paulo fala-nos da dificuldade em rezar, como convém! Mas, ao mesmo tempo, testemunha a confiança de que “*o Espírito Santo vem em auxílio da nossa fraqueza*” (Rom.8,26). Ficamos a saber: ainda que a dureza ou frieza da vida, nos provoque um «*bloqueio espiritual*», uma secura do espírito, sem palavras, nem rezas, nem salmos, nem cânticos, nem orações, nem sentimentos piedosos, nem consolações que nos valham, o Espírito Santo penetra o mais íntimo de nós mesmos (Rom.6,27)! Ele dá vez e voz às aspirações mais profundas de Deus, a gemer em nós, e ajuda-nos a conformar, dia a dia, o nosso desejo com a vontade de Deus!

2. É muito belo o tema da oração, como aliás o do perdão e o da paciência divina! Mas, direis, demasiado «quentes», para esta época de Verão. Então, para refrescar o vosso espírito, sugiro que me acompanheis, no comentário a toda a Palavra de Deus, com a leitura de dois diários femininos.

3. Começemos por dar a palavra a **Ingrid Betancourt**, que esteve sequestrada pelas FARC, quase sete anos. No dia 2 de Julho foi libertada, com outros 14 reféns, na sequência de uma operação infiltrada do Exército colombiano. Desde então tem-se desdobrado em entrevistas. Mas das torturas de que foi alvo não fala. Fala de perdão. De fé. E de amor. E de oração. Disse ela: “Num ambiente de solidão espiritual, quando à minha volta não havia mais do que inimigos agressivos, aprendi a não reagir como reagia antes. Tive de aprender o silêncio e a baixar a cabeça. Só podia falar com a Virgem. *Bravo Maria*. Descobri que podemos ser levados a odiar uma pessoa, a odiar com todas as forças do nosso ser e, ao mesmo tempo, a encontrar o alívio através do amor. Dizia: “*Por ti, Senhor, não vou dizer que o odeio*”. Por vezes, um guerrilheiro vinha sentar-se junto de mim, cruel, abominável, e era capaz de lhe sorrir. À noite, sonhava com os meus filhos.

Quando chegou o momento de reencontrá-los, foi melhor, muito melhor do que o que sonhei. São seres humanos fantásticos. Portanto estou muito grata a Deus, porque sei que eles sofreram e que podiam estar cheios de raiva e amargura. Mas o que encontrei... como dizer isto? Encontrei dois seres espiritualmente elevados”. E acrescenta: “No dia em que fomos resgatados acordámos às quatro da manhã, como habitualmente. Como sempre, rezei. Não quero esquecer o que aconteceu, mas quero perdoar. Aprendi a perdoar. E não apenas os meus carcereiros, mas também os meus companheiros com quem tive, por vezes, momentos difíceis”. Mais adiante escreve: "Nunca, nunca, nunca perdi a fé. Deus esteve comigo do primeiro ao último dia da minha horrível experiência. E Ele continua comigo. E eu rezo todos os dias”!

4. E agora, um saltinho atrás, para o Diário de **Etty Hillesum**, uma judia holandesa, que viria a ser exterminada, pelas tropas nazis, num campo de concentração em 1943. Diz ela: “Acredito que é isto que vou fazer: de manhã, antes de começar o trabalho, passar meia hora «para dentro», a escutar o que está dentro de mim. (...) Não chega somente mover os braços e as pernas e todos os outros músculos, de manhã na casa de banho. O ser humano é corpo e alma. E assim, uma meia hora de ginástica e uma meia hora de «meditação» podem formar em conjunto uma larga base de calma e concentração para o dia inteiro. Porém, não é tão simples como isso: uma «hora silenciosa» assim! Isso requer aprendizagem. Toda a pequena tralha humana e todas as superficialidades teriam de ser eliminadas lá dentro. No final de contas, há sempre um monte de desassossego em vão, numa cabecinha destas. Sentimentos e pensamentos de abertura e libertação também existem, mas a tralha está sempre à mistura. E é precisamente esse o objectivo dessa meditação: que, por dentro, uma pessoa se torne uma planície grande e ampla, sem o matagal manhoso, que esconde a vista. Que portanto alguma coisa de «Deus» penetre em ti, tal como existe algo de Deus na Nona Sinfonia de Beethoven. Que alguma coisa de amor, penetre em ti;

não um amor de luxo de meia hora, onde te delicias a flutuar orgulhosa dos teus próprios elevados sentimentos, mas amor, com o qual podes fazer algo no banal dia-a-dia! (...)

5. Graças à oração diária, é-nos possível perceber como Deus escreve, de maneira tão bela, nas linhas tortas da nossa vida, o Diário da sua paixão por nós! Vale bem a pena tentar! O comer e o rezar vai do começar!

Homilia no XVI Domingo Comum A 2005

1. Há afinal sementes de fundamentalismo, na seara do Reino! E Jesus percebe, o excesso de zelo, em alguns radicais do seu grupo. Face à impaciência, dos que querem deitar *fogo* sobre o inimigo ou limpar de vez a casa, Jesus conta mais uma parábola, *a do trigo e a do joio*. São sementes de *bem* e de *mal*, e ambas crescem no mesmo campo! De modo, que não é possível discernir, sem margem de erro, onde germina o trigo e onde floresce o joio. Pois, no mesmo campo, no mesmo grupo, na mesma pessoa, no mesmo coração, “*as ervas daninhas*” se entrelaçam com o caule do trigo. Jesus denuncia, assim, nesta parábola, os riscos de uma religião ou de uma moral ou de uma sociedade, apressadas em «*arrancar o joio*» (Mt.13,28), para não contaminar o trigo, como se fosse fácil determinar, ao certo, de que lado estão um e outro, ou como se cada um, estivesse apenas de um lado só. E não é verdade!

2. Nesta visão “*a preto e branco*” do Homem, da sociedade, da Igreja e do mundo, está afinal a mais funda raiz do fundamentalismo, sempre convencido da sua bondade, sempre apressado, em “*cortar o mal pela raiz*”, sem qualquer paciência, pela hora da colheita. O **terrorismo**, encontra, nos **servos desta parábola**, o seu retrato mais perfeito! Enquanto Deus vê o mundo, como um campo só, os terroristas vêem o mundo, não como um *campo de convivência* na diferença dos irmãos, mas como dois campos opostos: de um lado, os fiéis, a proteger e a propagar; de outro os *infiéis*, a perseguir e a abater. E, em nome da boa ordem e daquilo a que chamam progresso moral, estão dispostos a arrancar do mundo tudo o que lhes pareça ser sementeira do inimigo!

3. A leitura desta parábola, preparada pela mensagem da primeira leitura (Sab.12,13-19), convida-nos sobretudo a contemplar o mundo, a partir da *paciência de Deus* e a convencer-mo-nos de que só *dá parte fraca*, quem exhibe com toda a força o seu poder!

Dizia-nos, com grande sabedoria o Papa Bento XVI: “Não é o poder que redime, mas o amor. Quantas vezes desejávamos que Deus Se mostrasse mais forte. Que Ele atingisse duramente, derrotasse o mal e criasse um mundo melhor». Mas logo nos advertia o Papa: «Vede que todas as ideologias do poder (como o nazismo, o comunismo) se justificaram assim; justificavam a destruição daquilo que se oporia ao progresso e à libertação da humanidade. Nós sofremos pela paciência de Deus. E, todavia, todos temos necessidade da sua paciência. O Deus, que Se tornou Cordeiro, diz-nos que o mundo se salva pelo Crucificado e não pelos crucificadores. O mundo é redimido pela paciência de Deus; é destruído pela impaciência dos homens».

4. Que o Espírito Santo, que intercede por nós, venha em auxílio da nossa fraqueza (Rom.8,26). Ele nos dê a lucidez daquele amor, que é *paciente* (I Cor.13,4) e *tudo desculpa*, tudo espera (I Cor.13,7) daquele amor, que nos livra de todo o ressentimento (I Cor.13,5)! O Espírito Santo nos dê, enfim, como fruto da paciência divina, a aceitação do tempo, como um grande doutor e escultor. E que este mesmo Espírito seja guardião (Rom.8,25) da nossa *esperança feliz* e empenhada, num mundo novo... e a cores!

HOMILIA NO XVI DOMINGO COMUM A 1999

“Disseram-lhe os servos: «*queres que vamos arrancar o joio*»?... Aqui temos a primeira versão daquilo a que bem podíamos chamar «*tolerância zero*». Uma tentativa verdadeiramente radical. A de cortar o mal pela raiz. É positivo o desejo, porque o mal é sempre mal. A intolerância peca por se convencer demasiado cedo sobre o *autor do crime*, ou se iludir muito depressa com a ideia de que o mal tem sítio certo! Porque não tem, de facto! O mal e o bem coexistem no mesmo espaço, convivem na mesma terra, misturam-se na mesma pessoa, disputam o mesmo coração.

“*Deixai-os crescer ambos até à ceifa*”. É a voz sábia do Senhor, que conhece os enganos das nossas verdades e os desenganos das nossas certezas. Como se o tempo fosse o grande «*escultor*»; só com o dobrar dos sinos e dos anos, aparecerá a imagem clara e definida do homem... que então há-de vir ao de cima na sua inteira verdade.

A tolerância é, pois, muito necessária, sobretudo no campo das relações com os outros. Ela é o meio caminho entre a justiça e o amor. Na certeza de que todos somos fracos, o mínimo que podemos fazer é suportar a fraqueza do próximo e aceitar a sua diferença. O justo deve ser humano! E ainda que a tolerância, seja uma forma imperfeita de amar, muito longe do amor aos inimigos e da caridade «*que tudo suporta*», é, mesmo assim, um primeiro passo...

Tolerância também no campo das convicções, das ideias e opiniões. Aqui a tolerância é a caridade da inteligência. Tenta persuadir pacificamente pela palavra. Rejeita o fanatismo, sem cair no cepticismo, segundo o qual, «*a cada um a sua verdade e todos ficarão tranquilos*». Se cada um se mantém calado na sua certeza, tolerar a dos outros é o mesmo que os desprezar. O Homem dignifica-se na

procura da verdade. Pretender que se é neutro, que todas as opiniões são verdadeiras, é pressupor que todas são falsas. Para tentar unir os que pensam “diferente” é necessário pedir a cada um, não que renegue, mas que se aprofunde, que seja ainda mais e mais puramente ele mesmo.

São Paulo diria: «passem tudo pelo crivo e guardem o melhor»...

«O Espírito Santo vem em auxílio da nossa fraqueza, porque não sabemos que pedir nas nossas orações!» (Rom.8, 26) Sim. Que sabemos nós pedir nas nossas orações? Que devemos pedir? Como pedir? E de que coisas ou bens precisaremos realmente? Que mais importa pedir? E se nós somos afinal este campo minado de joio entre frágeis hastes de trigo, que nos é mais necessário? Se é tão limitada a visão do nosso mundo interior para as tão grandes aspirações que dentro dele gemem, que podemos pedir? Se é tão pouco o que sabemos de nós e se tão mal nos conhecemos, como havemos de saber o que pedir? Que pedir quando rezamos? Como rezar quando pedimos?...

O primeiro dom a invocar é o Espírito Santo, para que Ele venha em auxílio da nossa fraqueza. **«O Espírito Santo intercede por nós com gemidos inefáveis»**. Por outras palavras, é o Espírito que há-de rezar em nós, que há-de pôr no nosso coração as aspirações mais profundas e nos nossos lábios o silêncio justo e a palavra certa. Ao rezar, o homem antes de falar a Deus, escuta-O, está n'Ele, reza n'Ele, e por isso deve primeiro abrir-se ao Espírito. Se cala as suas palavras e esquece os seus desejos, o homem está disponível para escutar o pulsar do coração de Deus e assim não corre o risco de estar a falar consigo próprio. Perdendo-se em Deus, o crente atem-se a pressenti-l'O e a perscrutar os seus gemidos inefáveis, os seus desejos mais profundos para nós.

Inspirado pelo Espírito, é que o homem verdadeiramente reza. E ao rezar, o Espírito fá-lo desejar o desejo de Deus, desejar o mesmo que Deus deseja. É Deus então que reza em nós. Só o Espírito, que une o Pai e Filho, nos pode unir assim a Deus, permitindo que Deus deseje em nós. A obra do Espírito é, por conseguinte, pôr o nosso coração em sintonia com o coração de Deus. **«Ele intercede pelos santos em conformidade com Deus»!** Ao rezar, o homem abre-se ao desejo de Deus e pede o que Deus deseja para nós. Não rezamos para que Deus nos faça a vontade, mas para que a vontade de Deus se faça em nós. A Oração cristã não é, por isso, um desfiar uma lista de pedidos, mas a escuta incessante dos gemidos de Deus no mais íntimo de nós. É para entrarmos neste nosso mundo interior onde geme o Espírito em luta com a carne que nós rezamos.

Rezemos para advertir e conhecer os vários movimentos que acontecem no nosso íntimo, para aceitar os bons e recusar os maus.

Rezemos para saborear as consolações do Espírito e depois agir com humildade e ponderação.

Rezemos para vencer a desolação e assim resistir ao Maligno.

Rezemos, para sabermos da nossa miséria e da paciência de Deus.

Rezemos. Para sabermos da nossa carne fraca e do Espírito Santo que vem em auxílio da nossa fraqueza.

Rezemos. Rezemos em Deus. Que Deus reze em nós! Para... então, sim... pedirmos o que convém!

Homilia no XVI Domingo do Tempo Comum A 1993

1. Arrancar o joio na praça pública:

De esferográfica na mão atiram para o jornal mais um escândalo na Igreja. Câmara de filmar aos ombros, e mais um padre nas teias da Lei. Microfone ao pescoço e, nas ondas da rádio, mais um, julgado em praça pública. Até dizem que era muito católico. Não faltam, por aí, ceifeiros apressados, uma espécie de abutres sempre à cata do podre na Igreja para dele comerem até enjoar. Ceifeiros apressados, há-os dentro e fora da Igreja. Os de dentro vêem o joio e logo o querem arrancar. Porque - dizem - *é uma vergonha. Não se admite. O Bispo devia era acabar com Ele. O padre já o devia ter despachado.* Metidos bem no meio da seara, praticantes e militantes, julgam-se do melhor trigo e querem arrumar com o joio. *«Que não pode ser, senhor padre! Já viu! Catequista, do grupo Coral. Aquilo é uma vergonha. A Igreja não pode admitir isto».* E vai daí, que *a Igreja é só para pessoas de virtude, que a Igreja não pode admitir certa gente, que o Sr. Fulano não pode ser ministro da comunhão, que a menina do Coro não devia cantar, que a vizinha da esquina comunga em pecado, que até parece impossível aquele ler na Igreja...* etc. Como se a Igreja fosse uma casta de puros e inocentes, uma espécie de Clube de anjinhos engalanados de boas obras e perfeição. Há sempre desta gente impaciente, dentro e fora da Igreja, gente perfeccionista, que julga com dureza os pecados da Igreja, como se neles tudo fosse rosa sem espinhos, trigo sem joio.

2. De onde vem e onde está o joio?

Jesus vai-nos dizendo que onde há trigo há joio. Na melhor seara cresce o joio. Porque o inimigo semeou o joio *exactamente* onde o Senhor semeou o trigo. Quer dizer: Não há sítio nenhum onde não haja joio. Está o joio onde está o

trigo. E não está uma coisa ali e outra acolá. Estão as duas coisas, o pecado e a graça, o bem e o mal, a virtude e a desgraça, juntos. Na mesma pessoa. Em cada um. A Igreja está no mundo ao serviço do Reino, como fermento na massa; está misturada com o joio, do qual, aliás, não se distingue claramente. Ela não é uma espécie de máquina electrónica em que basta seguir as instruções para seu uso e logo tudo corre às mil maravilhas. Não. A vida da Igreja é um confronto contínuo com o Adversário. É um combate. O inimigo semeou o joio, o pecado, em toda a parte. Nos clérigos e nos leigos, nos casados e solteiros, nos homens e mulheres, nos praticantes e não praticantes. O joio sobe ao altar. Está na nave. Instala-se no presbitério. Mistura-se na assembleia. E não há ninguém onde haja apenas trigo e não haja joio! Onde haja somente joio e não haja trigo! Em ninguém! Queríeis uma Igreja só de puros? Um altar só de santos? Um grupo coral só de imaculados, uma assembleia só de perfeitos? Não há! Não há! Não há mesmo! Por muito que as seitas e os mais fanáticos digam e queiram o contrário!

3. Paciência e tolerância:

«Queres que vamos arrancar o joio»? Perguntaram. Jesus responde: «*Não*!» *Não suceda que, ao arrancardestes o joio, arranqueis também o trigo*!» E como havia de ser lindo! Se o Senhor chegasse aqui hoje e começasse a arrancar o joio, ia tudo...não ficava cá ninguém! Há que ter paciência. Deus não tem pressa. Ele espera. Espera sempre. Dá tempo ao tempo, oferece mil oportunidades para o joio morrer em nós e o trigo crescer para a ceifa! Deus é pacientíssimo.

Não cedas, por isso, à inquietude. Não te deixes devorar pela ansiedade. Não cedas à pressa. Não busques a perfeição a curto prazo. Tu, que sabes bem como Deus é paciente contigo, usa da mesma paciência para contigo e para com os outros. Não te precipites a catalogar os maus e os bons. É bom distinguir o bem do mal, mas é útil perceber que eles convivem em ti!

Venha o Espírito Santo em auxílio da nossa fraqueza. Ele nos dê um equilíbrio justo entre a rigidez e a tolerância, entre a severidade e a justiça, entre o desejo de perfeição e a paciência. No Verão o fogo apegase mais. Cuidado com ceifeiros apressados. Porque a pressa é inimiga da perfeição!

Rádio XVI A

Entrada: Hoje é Dia do Senhor. Alegremo-nos e exultemos em seu nome. A Eucaristia é o centro da celebração do Domingo cristão, dia por excelência do encontro, do repouso e da festa, de todos os filhos de Deus.

Depois da parábola do Semeador, seguem-se outras. Hoje, com particular relevo para a do trigo e do joio. É o problema do mal, no coração do mundo, dos homens e da Igreja. É o problema do discernimento exacto de um e de outro, no mesmo espaço humano.

A Palavra de Jesus sugere tolerância. E previne-nos de que a pressa é inimiga da perfeição. Mas o melhor mesmo é ouvirmos a Palavra de Deus. Uma vez reunidos em nome de Cristo, repousemos nele o nosso olhar e encontremos nele a nossa força.

Celebremos a **Eucaristia do XVI Domingo do Tempo Comum.**

Antes da 1ª leitura: O justo deve ser humano. Indulgência e paciência, na relação com os outros.

Antes da 2ª leitura: O papel do Espírito Santo na oração cristã. É a vez e a voz do Apóstolo.

Antes do Evangelho: Parábolas do Reino. Quem tem ouvidos oiça!

Depois da Homilia: Um antigo provérbio diz: "Sucesso não é um nome de Deus". A nova evangelização deve submeter-se ao mistério do grão de

mostarda e não pretender produzir imediatamente a grande árvore. Nós ou vivemos demasiado na certeza da grande árvore que já existe ou na impaciência de possuir uma árvore maior, mais vital ao contrário, devemos aceitar o mistério que a Igreja é ao mesmo tempo grande árvore e pequeníssimo grão.

Ofertório: Aproveitamos este tempo de ofertório para uma breve reflexão sobre o período de férias. A este respeito diz o Padre António Rego, em Editorial escrito para a revista «Ecclesia»:

“Na constituição, nos contratos colectivos e individuais de trabalho, todos os portugueses têm direito ao repouso. Todos os trabalhadores. Homens e mulheres. Eventualmente exceptuam-se os menores que trabalham e para quem as férias serão consequente ilegalidade.

Mas, dos dez milhões de portugueses, apenas três milhões gozam férias. Grande parte na própria casa. Apesar de, no Algarve - referencial obrigatório do repouso - com tenda de campismo e ementa de compactos de carnes duvidosas, ser possível dormir e alimentar-se com mil e quinhentos escudos diários.

As férias fora de portas são a versão moderna da peregrinação. Sair da sua terra, perscrutar horizontes, contactar com outras culturas, romper com o ângulo estreito do quotidiano - por largo que pareça - é um exercício religioso, que descobre expressões, dinamismos, horizontes que se não circunscrevem ao ângulo apertado do nosso viver ainda que em grande metrópole.”.

À Comunhão:

Final: Até à ceifa final, fica o tempo da espera atenta e da paciência tolerante.
O clima do Verão é propício a estes valores.

“Meu tempo
é de calada sabedoria,
meu tempo
é de infância
e abandono,
meu tempo
é de ternura e sono,
meu tempo,
de promessa e alegria”!

Maria Eulália Macedo

MEDITAÇÃO SOBRE A PARÁBOLA DO GRÃO DE MOSTARDA

“Para o reino de Deus e a evangelização, instrumento e veículo do reino de Deus, é sempre válida a parábola do **grão de mostarda**. O reino de Deus recomeça sempre de novo sob este sinal. Nova evangelização não pode significar atrair imediatamente com novos métodos mais requintados as grandes multidões que se afastaram da Igreja. Não. Não é esta a promessa da nova evangelização. Nova evangelização significa: não contentar-se com o facto de que **do grão de mostarda** cresceu a grande árvore da Igreja universal, não pensar que é suficiente que nos seus ramos muito diferentes as aves possam encontrar lugar mas ousar de novo com a humildade do pequeno grão, deixando para Deus quando e como crescerá.

As grandes coisas começam sempre do pequeno grão e os movimentos em massa são sempre efémeros. Na sua visão do processo da evolução, *Teilhard de Chardin* fala do "*branco das origens*": o início das novas espécies é invisível e a investigação científica não o pode encontrar. As fontes são escondidas muito pequenas. Por outras palavras, **as grandes realidades iniciam-se em humildade**. Deus não conta com os grandes números; o poder exterior não é o sinal da sua presença.

Sem dúvida, Paulo, no final da sua vida, teve a impressão de ter levado o Evangelho aos confins da terra, mas os cristãos eram pequenas comunidades espalhadas no mundo, insignificantes segundo os critérios seculares. Na realidade foram o gérmen que penetrou na massa a partir de dentro e levaram em si o futuro do mundo (cf. Mt 13, 33). Um antigo provérbio diz: "Sucesso não é um nome de Deus". A nova evangelização deve submeter-se ao mistério do grão de mostarda e não pretender produzir imediatamente a grande árvore. Nós ou vivemos demasiado na certeza da grande árvore que já existe ou na impaciência de possuir uma árvore maior, mais vital ao contrário, devemos aceitar o mistério que a Igreja é ao mesmo tempo grande árvore e pequeníssimo grão”.

Cardeal Ratzinger, aos Catequistas

Mas, para sermos justos, e não cairmos no erro que aqui denunciamos, é preciso lembrar que esta **visão distorcida e dualista**, que mina o coração terrorista, e explode na alma do nosso mundo, não é exclusiva do *fundamentalismo islâmico*! Os que deviam ser mais avisados, afinal, ao serem atacados, reagem segundo a mesma lógica, quando se dirigem contra aquilo a que chamam o «**eixo do mal**». Deste modo, dividem, também eles, o mundo em dois campos opostos. Como se de um lado, estivessem só os amigos da liberdade e do outro, todos os inimigos da democracia!